

Avaliação da língua de sinais em crianças surdas na escola

Ronice Muller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho tem como finalidade apresentar os instrumentos de avaliação do desenvolvimento da língua de sinais em crianças surdas na escola¹. Os testes apresentados são de quantificação de desenvolvimento e de acompanhamento (teste somático e teste formativo, respectivamente). No caso do teste formativo, o profissional que domina língua de sinais brasileira e trabalha com a criança dispõe de um instrumento para observar e registrar o desenvolvimento da criança em relação à linguagem determinando o seu nível de aquisição. Já em relação ao teste somático, está-se elaborando uma proposta de avaliação através de testagens com múltipla escolha a ser respondida diretamente pelo aluno.

Instrumentos de avaliação de línguas

A avaliação de línguas precisa considerar a compreensão e a produção das crianças. Para isto, torna-se fundamental ter mais de um tipo de instrumento. Para a parte da compreensão, é possível montar um instrumento baseado em regras, com respostas selecionadas e com múltipla escolha. Já com a produção, é fundamental um instrumento ser baseado em critérios, com respostas construídas e avaliar a performance. Considerando este contexto, discutir-se-á a seguir cada um destes aspectos.

A diferença básica entre a avaliação baseada em critérios e aquela baseada em regras é a natureza da interpretação que é usada para avaliar o desempenho das crianças. Naquela baseada em regras, avalia-se o desempenho dos alunos de acordo com padrões já existentes, por isso esta é baseada em regras (normas). Já na avaliação baseada em critérios, avalia-se o desempenho interpretando-se as respostas tornando o teste muito mais individualizado. Neste último, o foco está no conteúdo das respostas.

A vantagem básica dos instrumentos elaborados com base em normas é a objetividade das respostas, apesar disso, esse tipo de teste se aplica somente a certos tipos de conteúdos podendo falsear os resultados de outros. Para evitar isso, este tipo de avaliação deve ser uma opção apenas para casos em que a norma é clara e precisa.

Quanto aos instrumentos com base em critérios, a vantagem é o fato destes serem qualitativos. Apesar de obter-se respostas mais subjetivas, os resultados são seguros, apresentam maior confiabilidade quando os aspectos em análise são difíceis de serem avaliados com base em normas restritas. A desvantagem desta forma é a dependência da interpretação dos profissionais que analisam os resultados. Essa desvantagem pode ser minimizada através de instruções sobre a forma de interpretar, bem como, através do estabelecimento de aspectos pontuais a serem observados.

¹ Pesquisa financiada pelo Cnpq (1999-2000).

Considerando-se estas opções apontadas por Popham (1999), determinou-se que o instrumento de avaliação da língua de sinais deve ser baseado nos dois tipos de avaliação: por normas para a análise da compreensão e por critérios para a análise da produção. Esta decisão considera as vantagens e desvantagens apresentadas. A compreensão avaliada será baseada em aspectos específicos da língua permitindo uma avaliação com base em regras. Por outro lado, a produção de aspectos da sintaxe espacial não pode ser controlada a tal ponto de ser encaixada em uma avaliação por normas. Assim sendo optou-se pela avaliação por critérios neste caso.

Esta decisão acarretou a opção por respostas selecionadas e respostas construídas para a compreensão e para a produção respectivamente. Bem como, a opção por uma avaliação de múltipla escolha para a primeira e de performance para a segunda. Apesar da subjetividade da segunda, apresentam-se os elementos em análise em itens e o profissional checa a utilização de forma adequada ou não dos mesmos. O que ainda pode acontecer é que a criança não produza os elementos em análise. Isso não significará que a criança não domine o aspecto lingüístico em análise. Considerando tal possibilidade, são apresentadas duas estórias às crianças. Assim, elas terão duas oportunidades de produzirem os elementos em consideração. As estórias em si apresentam características que exigem a produção requerida, mas sempre é possível produzir um texto de forma a evitar alguns dos elementos em análise. Neste caso, optar-se-á pelo acompanhamento sistemático através de um outro tipo de avaliação: a avaliação formativa.

Teste formativo²

Instruções gerais para os professores que utilizarem a avaliação formativa

Há um conjunto de critérios que deve ser considerado pelo professor que aplicará o instrumento. Os critérios avaliados são os seguintes:

1. Referência: Que tipos de referência lingüística a criança faz? O professor deve observar as habilidades que as crianças têm para referir coisas. Isso inclui referir coisas no tempo, usar pronomes, referir idéias, situações hipotéticas e abstrações complexas.

2. Conteúdo: Sobre que tipo de coisas as crianças são capazes de discutir? O professor deve observar a habilidade da criança em expandir suas conversas desde os assuntos relacionados a elas mesmas, relações causa-efeito até idéias abstratas.

3. Coesão: Quanto a criança é capaz de adaptar sua linguagem à linguagem daqueles com quem está conversando? A coesão começa quando a criança consegue ter reações apropriadas à propostas de jogos até chegar a interações que exigem mais maturidade.

4. Uso: Como a criança usa a linguagem? Ela consegue atingir seus objetivos (pedidos, respostas, dando informações suficientes, resolvendo problemas, obtendo informação...) usando a linguagem?

² Este teste foi organizado com base no material produzido por French (1999) e adaptado para a avaliação da língua de sinais brasileira.

5. Forma: Quais as formas da comunicação da criança? O professor deve observar a habilidade da criança em utilizar as estruturas corretas da língua de forma articulada, complexa e inteligível.

Os níveis de desenvolvimento avaliados são os seguintes³:

Nível 0+ (0 aos 12 meses)

A criança é capaz de determinar sobre o que o outro está falando olhando na sua direção. Mesmo que ela não use palavras, ela consegue comunicar o seu conforto, prazer e descontentamento. A criança também se comunica em relação as coisas que estejam associadas a ela. Ela responde às atividades que dependem de sua interação, mas ainda não tem iniciativa própria. A criança pede por objetos abrindo e fechando as mãos. Ela chama a atenção para as coisas do seu ambiente através da apontação ou segurando e largando os objetos para chamar a atenção. As formas primárias de comunicação incluem gestos de segurar e largar as coisas, expressões faciais e choros diferenciados.

Nível 1 (por volta de 1 ano)

A criança refere aos objetos através da apontação, segurando, olhando e tocando-os. Como a criança engatinha e caminha, ela se comunica com os brinquedos, luzes, objetos, animais e alimentos. A criança começa a ter iniciativa e participa de outras atividades, como colocar e tirar objetos. Ela utiliza uma linguagem não verbal para chamar a atenção para necessidades pessoais e para expressar suas reações. A criança utiliza movimentos similares à criança do nível 0+, mas já varia seu olhar entre o objeto e a pessoa que a ajuda a pegar o objeto. Neste nível, a criança imita sinais produzido por outros, apesar de apresentar configurações de mão e movimentos imperfeitos. Ela pode chegar a usar alguns sinais com significado consistente.

Nível 2 (1 a 2 anos)

A criança produz palavras isoladas ou sinais para falar sobre coisas e ações ao redor dela. Ela usa a linguagem para chamar a atenção das pessoas, fazer pedidos e para reclamar. Ela usa a linguagem quando as coisas estão presentes, quando se vão ou quando voltam. A criança comunica mais do que ela é capaz de produzir explicitamente. Ela aponta, olha, toca, identifica as coisas sobre as quais está falando. Além disso, ela possibilita aos outros entender o que ela deixou de dizer.

Nível 3 (2 a 3 anos)

³ Estes níveis de desenvolvimento da linguagem foram estabelecidos com base nos estudos sobre a aquisição da linguagem (Slobin, 1986), sobre a aquisição da língua de sinais americana (Suppala, 1992; Lillo-Martin, 1986; Pettito, 1987; Pettito e Marantette, 1991; Bellugi, 1991) e organizados por French (1999) e as investigações sobre a aquisição da língua de sinais brasileira (Karnopp, 1994 e Quadros, 1995 e Lillo-Martin, Mathur e Quadros, 1998).

A criança começa a comunicar muito mais do que ela coloca em forma de palavras, mas subentende menos do que a criança do nível 2. A criança fala sobre o que ela está fazendo e pode solicitar diferentes coisas. Ela pode identificar coisas em figuras e livros e descrever pessoas e objetos através de suas características. Ela fala sobre onde estão as coisas, onde as pessoas estão indo e sobre quem vem a ela. Ela pode começar a usar frases curtas e sentenças.

Nível 4 (3 a 4 anos)

A criança fala sobre as coisas no seu ambiente imediato, sobre o que está fazendo ou planeja fazer. Ela fala sobre o que as outras pessoas estão fazendo, mesmo que elas não tenham nenhuma relação com ela. Raramente deixa algo subentendido. Ela facilmente compreende os familiares e amigos e, da mesma forma, facilmente se faz entender.

Nível 5 (5 a 6 anos)

A criança conta histórias complicadas sobre fatos acontecidos no passado ou que podem acontecer. Mesmo uma pessoa estranha pode entendê-la facilmente. A criança pode dizer muito sobre como diferentes coisas se relacionam, como algo pode gerar algum acontecimento e como algumas coisas precisam esperar por outras. Ela pode falar sobre o estado do seu próprio conhecimento sobre as coisas. A criança usa a linguagem para descobrir o que está acontecendo, quem está fazendo o quê, qual o estado das coisas, o que as pessoas estão fazendo e porquê. Ela pode manter uma longa conversa; ela interrompe a conversa e fala bastante sobre sua experiência relacionada ao que a pessoa está falando durante a conversa.

Nível 6 (6 a 7 anos)

A criança comunica com quaisquer pessoas sobre o que tem feito e experienciado. Ela pode manter longas conversas inclusive com estranhos. A criança já começa a acompanhar as conversações em grupo mantendo uma conversação clara para os demais. Ela usa a linguagem para influenciar o pensamento das pessoas, suas opiniões e atitudes. Ela usa para expor alternativas e o que ela e os outros poderiam fazer em diferentes situações.

Nível 7 (adolescência 11 a 13 anos)

A criança pode dizer de forma sucinta o que ela tem em mente. Ela tem condições de dar uma visão ao seu interlocutor para que a pessoa consiga acompanhar o que descreve, como por exemplo, as regras de um jogo. Em grupo, ela consegue acompanhar cada um detalhadamente. Ela refere aos princípios que segue para tentar influenciar as pessoas. Ela consegue usar diferentes palavras para expressar a mesma idéia. Ela também é capaz de deduzir a informação que ela precisa.

Como o professor determina o nível do aluno a partir da avaliação formativa?

O professor deverá:

- Determinar o nível de entendimento e uso da linguagem da criança

- Rever os níveis de uso da linguagem e as suas respectivas questões
- Iniciar as questões com o nível anterior. Ler e anotar “sim” ou “não” considerando o que a criança apresenta. Se “todas” as questões forem respondidas com “sim” passar para o próximo nível da avaliação.
- Deixar a criança continuar a responder as questões até chegar a uma resposta negativa. O nível mais alto em que todas as respostas foram positivas será o nível que a criança se encontra.
- Determinar se a criança tem o nível (+) que indica que ela tem quase a maioria das questões de um determinado nível.

A seguir serão apresentadas as perguntas-chaves do teste formativo adaptado de French (1999):

Perguntas- chaves a serem respondidas no nível 0:

Nível 0+ (até um 1 ano)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança se dá conta que a outra pessoa está falando olhando na sua direção?		
2a	A criança expressa seus conforto, prazer e descontentamento?		
2b	A criança comunica sobre suas roupas ou outras coisas associadas a ela mesma?		
3a	A criança responde às atividades que a envolvem (apesar de tomar uma atitude passiva, participa, fica entusiasmada, observa)?		
3b	A criança solicita objetos usando o olhar e, as vezes, abrindo e fechando a mão?		
3c	A criança chama a atenção dos outros através da apontação ou segurando e largando o objeto para que os outros vejam?		
4	A criança usa sinais não verbais, como por exemplo a direção do olhar ou a apontação?		
5	A criança usa as formas primárias de comunicação: gestos de segurar e largar as coisas, expressões faciais e choros diferenciados?		

Nível 1 (em torno de 1 ano)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança refere aos objetos através da apontação, segurando, olhando e tocando-os?		
2	A criança se comunica referindo aos brinquedos, luzes, objetos, animais e alimentos?		
3a	A criança começa a ter iniciativa e participa de outras atividades, como colocar e tirar objetos com o outro?		

3b	A criança imita movimentos produzidos por outros?		
4a	Ela utiliza uma linguagem não verbal para chamar a atenção para necessidades pessoais?		
4b	Ela utiliza uma linguagem não verbal para expressar suas reações?		
4c	Ela utiliza uma linguagem não verbal para pedir ajuda variando seu olhar entre o objeto e a pessoa que a ajuda a pegar o objeto?		
5	A criança imita sinais apesar de apresentar configurações de mão e movimentos imperfeitos?		

Nível 2 (2 a 3 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança produz palavras isoladas ou sinais para falar sobre coisas e ações ao redor delas?		
2	A criança identifica o objeto ao ser referido por outro?		
3	A criança as vezes repete o que foi dito?		
4a	A criança usa a linguagem para fazer pedidos?		
4b	A criança usa a linguagem para chamar a atenção de outros para si ou para sua localização?		
4c	A criança usa a linguagem para dizer “oi”, “tchau”, etc?		
4d	A criança usa a linguagem para reclamar?		
4e	A criança usa a linguagem para nomear objetos?		
4f	A criança usa a linguagem para notar a presença de objetos?		
4g	A criança usa a linguagem para expressar que objetos desapareceram (ou foram removidos)? (acabou...)		
5	A criança aponta, olha, toca, identifica as coisas sobre as quais está falando com significado?		

Nível 3 (3 a 4 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança refere às coisas de seu interesse?		
2a	A criança fala sobre coisas e fatos que a envolve?		
2b	A criança fala sobre a localização dos objetos?		
2c	A criança fala sobre o destino dos objetos quando estes foram removidos ou estão sendo removidos?		
2d	A criança fala sobre características temporárias ou mais ou menos permanentes de objetos e coisas?		
2e	A criança fala sobre as coisas que pertencem a si e aos outros?		
3	A criança consegue relacionar o que fala com o que os outros estão falando de alguma forma?		
4a	A criança usa a linguagem para representar suas ações?		
4b	A criança usa a linguagem para notar a presença de vários objetos e para expressar que objetos desapareceram (ou foram removidos) e reapareceram?		

4c	A criança usa a linguagem para fazer diferentes tipos de pedidos?		
4d	A criança usa a linguagem para identificar coisas e ações em figuras?		
5a	A criança usa de forma consistente frases com no mínimo dois componentes sintaticamente relacionados?		
5b	A criança oferece informações suficientes para as pessoas compreenderem a sua intenção?		

Nível 4 (4 a 5 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1a	A criança refere às atividades que realiza ou deseja realizar?		
1b	A criança refere às atividades realizadas por outros que não dizem respeito a ela?		
2a	A criança utiliza categorias semânticas de significado em uma sentença? (ex. “Desenha uma bicicleta vermelha”, “Maria lendo meu livro”)		
2b	A criança fala de diferentes eventos e estados coordenados ao mesmo tempo? (ex. “Eu vou à biblioteca e pego um livro e depois volto para casa”; “Nós lemos o livro”)		
3	A criança utiliza elementos coesivos (palavras ou frases) de um enunciado anterior mencionado por seus interlocutores? (normalmente observado nas respostas das crianças: Você quer um biscoito? “Sim, eu quero um biscoito”)		
4a	A criança usa a linguagem para estabelecer a identidade das pessoas e das coisas? (perguntas “quem” e “o que”)		
4b	A criança cria histórias de “faz de conta” por iniciativa própria?		
5a	A criança expressa quase tudo o que quer dizer não deixando quase nenhuma informação subentendida?		
5b	A criança facilmente compreende os familiares e amigos e, da mesma forma, facilmente se faz entender?		

Nível 5 (5 a 6 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança se comunica com tranquilidade e inteligibilidade sobre assuntos que vão além do seu contexto imediato e que requerem relações estabelecidas com objetos, estados, eventos e fatos independentes do seu contexto imediato?		
2	A criança expressa explicitamente uma variedade de relações entre eventos (ou estados): relações envolvendo tempo, causa, contradição e estados de conhecimento? (uso de articuladores: e, ou, então, portanto, mas, antes, depois, daí, quando, até, se...)		
3	A criança mantém a conversação contribuindo com detalhes ou comentários relevantes sem fugir do assunto?		
4a	A criança usa a linguagem para saber o que está acontecendo?		
4b	A criança usa a linguagem para saber quem está executando a ação?		
4c	A criança usa a linguagem para saber qual o estado das coisas?		
4d	A criança usa a linguagem para saber porque as pessoas estão fazendo o que estão fazendo?		
5a	A criança costuma contar histórias ou descrever fatos de forma clara quanto ao significado e estruturas usadas? (Raramente se pede a criança para esclarecer o que está contando através de perguntas)		
5b	A criança se comunica com facilidade e inteligibilidade mesmo com pessoas estranhas? (pessoas que conhecem a língua de sinais)		

Nível 6 (6 a 7 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1a	A criança refere objetos, estados, eventos e fatos no modo hipotético? (Se eu fosse....)		
1b	A criança expressa explicitamente aspectos fora da rotina, ações complexas e sentimentos mais ou menos perceptíveis?		
2	A criança se comunica com tranquilidade sobre quaisquer tópicos relacionados a sua experiência?		
3a	A criança mantém longas conversas (diálogos e narrativas) com alto nível de inteligibilidade inclusive com estranhos?		
3b	A criança consegue manter um diálogo preciso (embora não		

	detalhado) sobre um tópico que não lhe seja completamente familiar?		
4	A criança usa a linguagem explicitamente para influenciar opiniões, atitudes e ações?		
5a	A criança utiliza outras formas de expressão para dizer algo e expressões idiomáticas?		
5b	A criança oferece subsídios necessários para o interlocutor compreender as novas informações que estão sendo ditas?		
5c	A criança comunica com clareza suficiente a ponto de ser necessária apenas eventuais interrupções para esclarecimentos?		

Nível 7 (adolescência 11 a 13 anos)

Critério	Perguntas-chaves	Sim	Não
1	A criança constrói contextos referenciais que sejam suficientemente ricos para explicar os detalhes mais elaborados dos quais a criança está falando, tais como, regras de um jogo, funcionamento de algo, mecanismos de algo, estrutura, regras e responsabilidades de uma organização?		
2	A criança mantém longas conversas (diálogos e narrativas) com alto nível de inteligibilidade inclusive com estranhos individualmente e em grupo?		
3a	A criança procura esclarecer pontos utilizando paráfrases ou oferecendo mais subsídios para que o seu interlocutor a compreenda melhor?		
3b	A criança consegue oferecer detalhes durante uma conversa para evitar mal-entendidos ou evitar ambigüidade?		
3b	A criança consegue manter um diálogo preciso (embora não detalhado) sobre um tópico que não lhe seja completamente familiar?		
4	A criança usa a linguagem para expressar princípios gerais com o intuito de influenciar opiniões, atitudes e ações de outros? (formulação de argumentos que se aplicam às considerações e princípios gerais, uso de verbos menos descritivos)		
5	A criança utiliza outras formas de expressão para dizer algo e expressões idiomáticas evitando o uso excessivo de palavras?		

Cada aluno terá um conjunto de fichas do teste formativo com o acompanhamento do professor. A cada passo dado pela criança surda em relação ao seu desenvolvimento da linguagem, o professor deverá rever as fichas de acompanhamento e rever as perguntas-chaves atualizando-as.

Este teste está sendo aplicado nas escolas de surdos da grande Porto Alegre. Os resultados obtidos na sua aplicação indicam a organização acessível do mesmo, bem como, a precisão dos níveis encontrados. Os professores relatam que os resultados obtidos coincidem com as expectativas em relação ao aluno indicando exatamente as áreas de linguagem defasadas. Desta forma, o teste torna-se um instrumento valioso para a indicação dos problemas de linguagem.

Teste somático

Seleção dos elementos a comporem o teste

Para obter-se um quadro preciso sobre a compreensão e a produção de crianças surdas delineou-se quais as construções que seriam típicas entre as crianças surdas da mesma idade que dominam a língua de sinais. O levantamento foi reanalisado por 8 utentes da língua de sinais. Os dois tipos de processos lexicais compreendidos no levantamento foram:

- processos lexicais do vocabulário da língua de sinais brasileira;
- processos semânticos de variação e similaridade no significado entre os sinais

Cada amostra foi elaborada contendo para a marcação de plural 27 itens, para os pares com similaridade de significado 32 itens e para os pares de oposição de significado 19. Tais amostras foram avaliadas pelos 8 surdos adultos utentes da língua de sinais brasileira, sendo excluídos apenas 10 itens de um total de 78. A seção seguinte descreve as etapas investigadas.

2 Instrumento de avaliação da língua de sinais brasileira

2.1 A investigação

Após o levantamento dos itens a fazerem parte do processo de avaliação/validação, oito utentes nativos da língua de sinais brasileira foram entrevistados individualmente.

Todos têm parentes surdos: pais, tios, irmãos e/ou primos surdos que conviveram diretamente com eles determinando a aquisição da língua de sinais de forma natural e espontânea. Dois deles são instrutores da língua de sinais, o que facilitou a análise metalingüística de cada par apresentado. Os demais fizeram uma avaliação dos pares mediante algum contexto lingüístico quando necessário. Todos foram entrevistados pela autora deste projeto, falante nativa da língua de sinais.

De modo geral, houve acordo entre os entrevistados quanto aos itens que não satisfaziam suas intuições.

Os sinais que foram excluídos por pelo menos um dos entrevistados (12,5%) foram excluídos do teste. Os sinais que não são utilizados pelos entrevistados foram excluídos quando pelo menos três dos entrevistados (37,5%) tinham o mesmo parecer. Os sinais com significados diferentes ou pertencentes a categorias diferentes foram excluídos, mesmo quando não identificados desta forma por todos os entrevistados. Os demais sinais foram incorporados ao teste.

Considerando os dois tipos de avaliação e suas importâncias de acordo com diferentes objetivos, a presente pesquisa foi ampliada para incluir não somente a avaliação somática, mas também a avaliação formativa. Esta foi organizada com base no material organizado por French (1999). Aquela foi elaborada conforme proposta inicial do projeto com algumas modificações determinadas pelo processo de avaliação/validação.

Elementos estruturais que compõem o instrumento de avaliação somática

A presente proposta de instrumento de avaliação da compreensão e da produção da língua de sinais brasileira inclui três blocos de atividades de compreensão e um de produção contendo diferentes áreas da estrutura da língua, são eles:

COMPREENSÃO – Léxico e semântica

- uso de itens lexicais no plural
- identificação de pares que representem oposição no significado⁴
- identificação de pares que representem similaridade no significado

PRODUÇÃO – Sintaxe

- relato de histórias – uso dos mecanismos sintáticos espaciais (estabelecimento de referentes no espaço, uso da concordância verbal, uso de classificadores e uso de marcadores não-manuais)

Itens lexicais selecionados para a área de compreensão

- itens lexicais no plural

ANO / ANOS

MÊS / MESES

⁴ A proposta inicial incluía a identificação de sinais com significados múltiplos. Tendo em vista o grau de dificuldade de análise por parte dos dois primeiros falantes nativos entrevistados para a validação dos itens em relação a este aspecto, decidiu-se substituí-lo por pares de itens lexicais com significados opostos.

UM-MÊS / DOIS-MESES
UM-MÊS / TRÊS-MESES
UM-MÊS / QUATRO-MESES
HORA / HORAS
UMA-HORA / DUAS-HORAS
UMA-HORA / TRÊS-HORAS
UMA-HORA / QUATRO-MESES
UMA-VEZ / DUAS-VEZES
UMA-VEZ / TRÊS-VEZES
UMA-VEZ/MUITAS-VEZES
CASA / CASAS
ÁRVORE / ÁRVORES
CARRO / CARROS
UMA-PESSOA-PASSANDO / VÁRIAS-PESSOAS-PASSANDO
UMA-PESSOA-ASSISTINDO / VÁRIAS-PESSOAS-ASSISTINDO
UMA-PESSOA-NA-FILA / VÁRIAS-PESSOAS-NA-FILA
UMA-PESSOA-SENTADA / VÁRIAS-PESSOAS-SENTADAS
UMA-PILHA-DE-LIVRO / VÁRIAS-PILHAS-DE-LIVROS
UM-LIVRO-NA-ESTANTE / VÁRIOS-LIVROS-NA-ESTANTE
UM-QUADRO-NA-PAREDE / VÁRIOS-QUADROS-NA-PAREDE

- pares que representem similaridade no significado

PAQUERAR (3 sinais)

ACOSTUMAR (2 sinais – no braço e em posição neutra)

Dias da semana (variação do sul (espaço neutro) e sudeste (na fonte))

JÁ (PRONTO) (2 sinais)

CURIOSO (2 sinais (no olho e espaço neutro))

ATRASADO (2 sinais (no pescoço e no pulso))

FRIO (2 sinais (no corpo e no queixo))

VERDE (2 sinais (na mão e no queixo))

VOVÔ (2 sinais (no queixo e alfabeto manual))

ÔNIBUS (2 sinais (espaço neutro a frente ou na altura da cabeça))

COBIÇA (2 sinais (ambos nos olhos mudando a configuração de mão))

PACIÊNCIA (2 sinais (espaço neutro e no rosto))

MAL-CHEIRO (2 sinais (ambos no nariz))

SURDO (2 sinais (com o dedo indicador ou com a configuração R))

TÁXI (2 sinais (para taxímetro ou para bandeirada))

RÁPIDO (2 sinais (na fonte e na frente da boca))

PAI/MÃE (2 sinais (benção e no nariz))

- pares que representam oposição no significado

BONITO X FEIO

ALEGRE X TRISTE

ERRADO X CERTO

LIMPO X SUJO

EDUCADO X MAL-EDUCADO

MAGRO X GORDO

BEM X MAL

JOVEM X IDOSO

SUPERFÍCIE LISA X SUPERFÍCIE IRREGULAR

FINO X GROSSO

CHEIO X VAZIO

BAIXO X ALTO

PEQUENO X GRANDE

FOFO X RÍGIDO

DURO X MOLE

VELHO X NOVO

POUCO X MUITO

SÉRIO X NÃO-SÉRIO

Estória selecionada para a área de produção

Estória de desenho animado sem palavras:

- Tom e Jerry

O aluno assiste a estória e relata-a para uma terceira pessoa surda que não estava presente quando o filme havia sido passado. Este procedimento repete-se com a segunda estória. O avaliador filma as produções da criança. A avaliação da sua produção será descritiva incluindo os seguintes aspectos da estrutura da língua de sinais: uso dos

mecanismos sintáticos espaciais, ou seja, o estabelecimento de referentes no espaço, a concordância verbal e os classificadores.

A primeira versão do instrumento foi elaborada através de filmagens e edição de imagens. Para esta etapa, o projeto interinstitucional SignNet financiado também por esta agência, colaborou na edição de imagens na Pontifícia Universidade Católica do RS. O trabalho de edição das imagens incluiu a seleção das imagens filmadas, a elaboração de cada sinal incluindo um conjunto de imagens ou a inclusão de sinais gráficos e, finalmente, a inclusão da imagem no teste. Esta etapa exigiu mais tempo do que havia sido previsto inicialmente se estendendo até outubro de 2000, uma vez que dependia do auxílio de técnicos para a sua execução. A seguir apresentamos uma amostra deste trabalho:



O primeiro conjunto de imagens representa o sinal ATRASAR que tem como sinônimo o sinal representado na segunda imagem. Observe que no primeiro caso, precisamos montar três etapas do mesmo sinal para produzi-lo. Já no segundo caso, foi necessária a inclusão de uma seta para indicar o movimento.

Aplicação dos testes

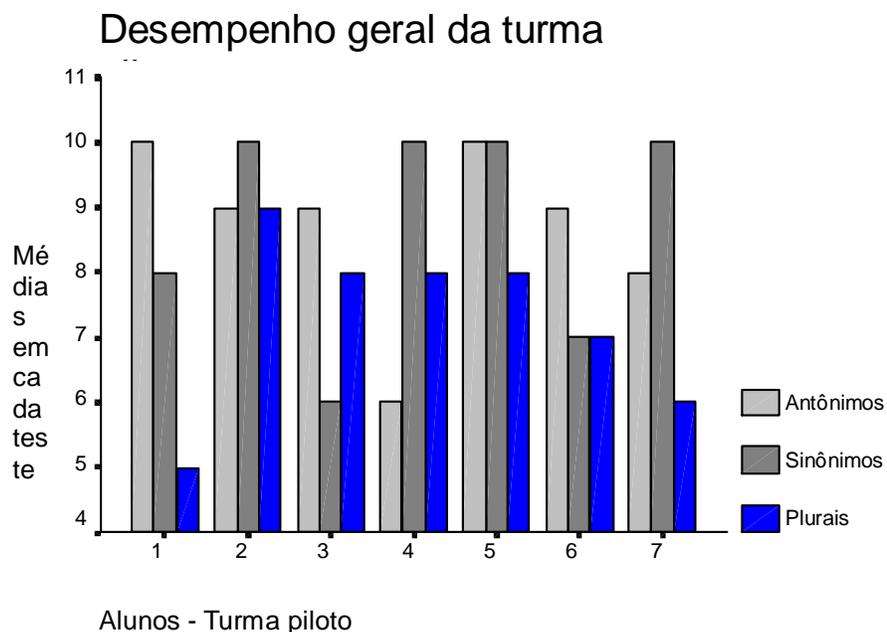
Após elaborada a primeira versão do teste, o mesmo foi aplicado em uma escola em uma turma piloto. A turma selecionada foi de 1ª série com alunos que ingressaram na escola muito cedo considerados proficientes na língua de sinais brasileira pelo professor da classe e instrutor de língua de sinais.

O teste de compreensão foi aplicado em duas etapas. Os alunos conseguiram executá-lo demonstrando conhecimento na língua de sinais brasileira. Observe o gráfico e figura abaixo:

Gráfico 1
Estatística descritiva - Turma piloto - Compreensão

	Alunos	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Acertos	7	23	29	26,00	2,16
Antônimos	7	6,00	10,00	8,7143	1,3801
Sinônimos	7	6,00	10,00	8,7143	1,7043
Plurais	7	5,00	9,00	7,2857	1,3801
Média	7	7,67	9,33	8,2381	,7629
Valid N	7				

Figura 1



De modo geral observou-se um desvio maior no teste dos plurais. Isto resulta da interferência da língua portuguesa nas respostas, uma vez que as opções apresentadas no teste ofereciam a alternativa que apresenta a resposta que seria dada com base na língua portuguesa. Optou-se em manter o teste dos plurais da mesma forma, uma vez que um dos objetivos é de observar se há influência da língua portuguesa no padrão de respostas.

Os demais testes foram realizados sem maiores problemas. Observou-se que um aluno teve maiores dificuldades em responder o teste dos antônimos e outro, o teste dos sinônimos. Pelo padrão de respostas, parece que houve dúvidas quanto a ordem do teste. Assim sendo, observar-se-á com mais atenção o aporte dado na aplicação dos testes futuros.

Os resultados da aplicação do teste de produção na turma piloto foram os seguintes:

Gráfico 2

Estatística descritiva - Turma piloto - Produção

	Alunos	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Número de alunos	7				
Estabelecimento de referentes	7	0	1	,71	,49
Direcionalidade	7	0	1	,71	,49
Classificadores	7	1	1	1,00	,00
Média total	7	,25	1,00	,7857	,3660
Valid N	7				

Interessante observar que todos os alunos apresentaram os aspectos gramaticais que envolvem o uso de classificadores. Alguns alunos tiveram dificuldades quanto ao estabelecimento de referentes no espaço e por último o uso da direcionalidade. Os classificadores parecem ser algo mais básico do processo de aquisição da língua de sinais em crianças surdas.

Foi observado que a parte de produção não era exequível, pois os alunos dependiam da memória para conseguir reproduzir a estória em sinais. Desta forma, o teste de produção foi redimensionado para a aplicação na etapa de validação. A primeira versão constava de 2 minutos e 30 segundos de estória. A segunda versão passou para 1 minuto e 20 segundos.

Aplicação dos testes - validação

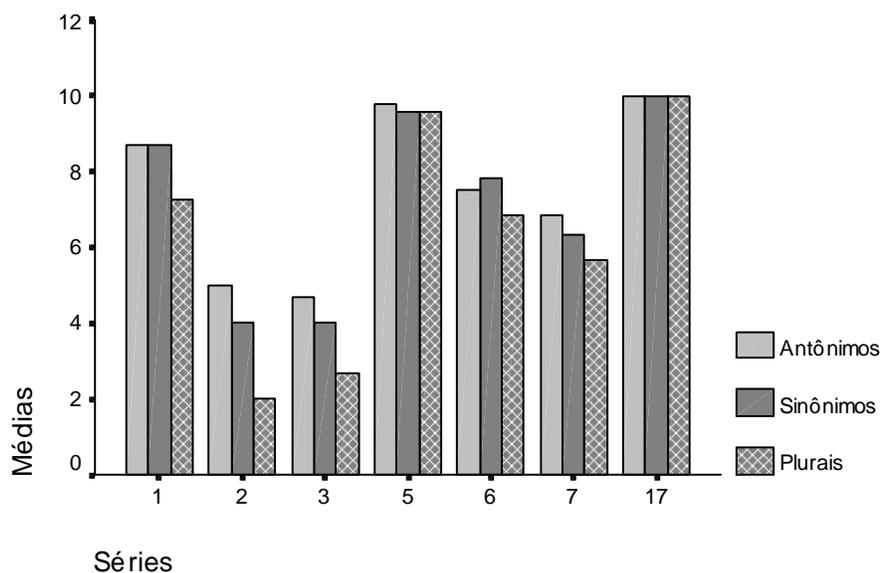
A partir destes resultados, os testes foram realizados por 29 alunos de três escolas do estado do Rio Grande do Sul:

- (1) Escola Frei Pacífico de Porto Alegre
- (2) Escola Estadual Lilia Mazon
- (3) Classe de surdos do município de Charqueadas

Os alunos foram selecionados de forma aleatória incluindo diferentes séries. Os alunos foram cadastrados com o fim de participarem da aplicação e reaplicação dos testes. A aplicação dos testes ocorreu em duas etapas: a aplicação dos testes de compreensão e de produção.

Figura 2

Gráfico das médias das proficiências por série



Há um desvio no nível de produção nas segunda e terceira séries. Isto é explicado, uma vez que tais turmas de alunos estão expostas a língua de sinais a pouco tempo (por volta de 2 anos). São turmas do interior do estado, da cidade de Charqueadas. Estes alunos fazem parte de um programa de atendimento aos surdos no interior do estado. Tais alunos já apresentam avanços em termos da língua de sinais informalmente, mas ainda observa-se um desempenho muito aquém nos resultados dos testes. Isto provavelmente resulta de um domínio de vocabulário bastante reduzido em relação aos demais participantes da pesquisa. Independente disso, estes alunos apresentaram o mesmo padrão de respostas dos demais alunos, ou seja, apresentaram maiores dificuldades ao responder as questões referentes ao bloco dos plurais.

As dificuldades na execução dos testes dos plurais, a princípio, poderia ser conseqüência da influência do português, mas posteriormente confirmou-se que os alunos não estavam discriminando as respostas. Assim sendo, modificou-se as opções de respostas de todas as questões do teste de plurais.

Também acrescentou-se uma alternativa em todas as questões dos testes, a letra (d) com um ponto de interrogação, como a alternativa a ser marcada pelos alunos quando não identificarem uma resposta para a questão apresentada. Essa opção foi incluída, uma vez que os alunos passam a ter 33,33% de chances de acertarem a questão mesmo desconhecendo a resposta. Este teste não será disponibilizado ao público em geral, pois representa apenas uma etapa de um conjunto de testes incluindo outros aspectos gramaticais para perfazer um apanhado significativo de informações gramaticais da língua que representem um padrão gramatical da língua.

Quanto ao teste de compreensão, os resultados foram os seguintes:

Gráfico 3

Estatística descritiva - Teste de compreensão

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Estabelecimento de referentes	29	0	1	,66	,48
Direcionalidade	29	0	1	,90	,31
Classificadores	29	1	1	1,00	,00
Expressões faciais	29	0	1	,90	,31
Média total	29	,25	1,00	,8621	,2274
Valid N	29				

Repete-se aqui as observações realizadas na aplicação do teste piloto. Os alunos não apresentaram problemas na utilização de classificadores. Quando apresentaram problemas na produção, os alunos cometeram falhas no estabelecimento de referentes no espaço. Alguns alunos que cometeram falhas neste quesito, também cometeram falhas na direcionalidade dos sinais e/ou no uso de expressões faciais.

Observou-se que os alunos não estão habituados com testagens deste tipo havendo a necessidade de criação desta sistemática por parte das instituições para que a aplicação dos testes ocorra de forma mais sistematizada.

Aplicação de testes

Os testes de avaliação devem servir como referência para a identificação dos aspectos lingüísticos que os alunos estão utilizando de forma adequada. Tais aspectos incluem aspectos em relação ao sistema da língua e em relação as propriedades de interação de modo geral (intenções, relações sociais, semânticas e pragmáticas). Assim, justifica-se a utilização dos dois tipos de testes. O teste formativo é um instrumento apropriado para o acompanhamento do desenvolvimento lingüístico do aluno podendo ser utilizado pelo professor de língua de sinais que tem contato sistemático com os alunos. O teste somático é mais técnico e precisa ser aplicado e avaliado por um profissional especializado familiarizado com aspectos formais da língua de sinais brasileira (um lingüista, um fonoaudiólogo).

Referências bibliográficas:

- BELLUGI, U. The link between hand and brain: implications from a visual language. In D. Martin (Ed.) *Advances in cognition, education, and deafness*. Washington, DC. Gallaudet University Press. 1991. 11-35
- FRENCH, M. M. *A Developmental Approach to Deaf Children's Literacy*. Gallaudet University. Pre-College National Mission Programs. Washington, DC. 1999.
- KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.
- LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.
- _____, MATHUR, G. and QUADROS, R. M. de Acquisition of Verb Agreement in ASL and LIBRAS: A Cross-Linguistic Study. In *Abstracts of The Sixth International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research*. Gallaudet University. November 12-15, 1998.
- PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).
- PETITTO & MARENTETTE. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontogeny of Language. In *Science*. v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.
- QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.
- SLOBIN, D. I. *The crosslinguistic study of language acquisition*. Volume 1. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey. 1986.
- SUPALA, T. *Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language*. Doctoral dissertation. University of California, San Diego. 1992.

